

Giovani Bravin Peres

“Hoje já posso considerar a Unifesp como minha segunda casa, inclusive, porque é onde passo a maior parte do tempo. Sinto que há um carinho muito grande com os estudantes por parte dos mais antigos, hoje grandes orientadores.”

Nasci em São Paulo em nove de junho de 1988, em Santo Amaro, na maternidade São Luiz. Mas só nasci ali. Morei até os 13 anos de idade no Parque São Lucas, na Zona Leste, e fui aluno de escola pública desde o começo. Na sétima série passei a estudar numa escola particular. Foi quando minha família se mudou para São Caetano do Sul, porque o bairro onde nós morávamos se tornou muito violento... Minha mãe, por exemplo, teve o carro roubado três vezes. Por questão de segurança, mudei também meus hábitos. Mundo novo, nova escola, novos amigos, assim eu fui construindo aquele período de pré-adolescência, adolescência. Lá permaneci até o final do colegial. Nessa época vivenciei os melhores e mais intensos momentos da minha vida até agora. Aquelas grandes primeiras descobertas, o pensamento de que somos invencíveis, quase super-heróis (e a realidade de que não o somos)... Uma transição para a idade adulta, com os primeiros grandes amores e toda aquela história que se conta ou que se deixa guardado para contar para os netos...

Em 2006, prestei vestibular e entrei em Biomedicina na Universidade Federal de São Paulo. Foi uma dúvida imensa saber o curso que escolheria. Durante muito tempo pensei em Ciências Exatas ou Humanas. Decidi que gosto mesmo de entender e aprender. Escolhi Biomedicina porque, apesar de estar dentro das Ciências Biológicas, é voltado exclusivamente para o ser humano. Queria ter a capacidade de entender o humano. O primeiro ano foi um choque, porque, assim como para muitos, não atendeu as expectativas. Mas eu com aquela consciência brasileira de que ainda iria melhorar, investi; e, de fato, melhorou muito! O segundo ano tem sido maravilhoso, a ciência e a pesquisa conseguiram me cativar. É algo que gostaria de fazer para o resto da minha vida! Mas não vou parar por aí. Percebi, por intermédio de alguns professores, e de minha participação no Laboratório de Humanidades, que infelizmente não vou conseguir entender o ser humano analisando-o apenas por dentro, pelo lado biológico, químico, molecular, não vou conseguir a resposta que procuro.

Planejo, ao final do quarto ano, prestar um novo vestibular, dessa vez para História ou Filosofia. E, quem sabe, juntar esse conhecimento, metabolizá-lo, para fazer uma coisa que quero muito: ser professor. Iniciando esse projeto, entrei para o cursinho universitário da faculdade, o projeto CUJA, em homenagem à professora da Biofísica que deu muito apoio a sua criação, Jeannine Aboulafia. Dando aulas, percebi que posso fazer algo pelo Brasil. É comum o brasileiro jogar a culpa no governo, no sistema público que não funciona, mas as pessoas dificilmente fazem a sua parte. É fácil falar e passar o problema adiante. Quero fazer a minha parte. Acho que sendo professor vou conseguir mudar, nem que seja em um pequeno detalhe, a cabeça das pessoas que passarem por mim.

É curioso se pensarmos na literatura... Como aqueles que ensinaram escritores consagrados, como Clarice Lispector, Fernando Pessoa e Guimarães Rosa. Ninguém nunca pensa nos professores que esses grandes escritores tiveram. E se essas pessoas, em algumas palavras, por mais singelas que fossem, acabaram mudando totalmente o rumo desses astros? Então, penso que, uma vez que todos têm sua estrela, se for possível, por que não permitir que elas brilhem ainda mais?

Sempre mergulhei em tudo aquilo que fazia, por uma questão de orgulho de ser sempre o melhor. A literatura me conquistou. Confesso que quando comecei a ler, não lia de muito bom grado, pois o fazia por obrigação. A iniciativa deve partir da própria pessoa, mas às vezes, isso pode demorar muito. Uma obrigação pode ser plausível... Comecei a ler mais frequentemente a partir da oitava série... Dois livros que mais me marcaram esse período foram *Capitães de Areia*, de Jorge Amado, e *Sombra dos Reis Barbudos*, do José Jacinto Veiga. Fizeram-me pensar muito a respeito da literatura eternizando momentos históricos, pensamentos e todo esse universo de detalhes que hoje as pessoas perdem preferindo filmes a um bom livro... Fui ampliando meu universo de leituras. Isso me trouxe inúmeros benefícios. E posso afirmar, seguramente, que hoje sou um viciado em literatura; sempre que possível tenho algum livro em mãos.

O primeiro livro que li foi ainda no primário. Era um livro simples, de aproximadamente 200 páginas, que, para uma criança, é algo interminável... Lembro do trabalho que ele me deu... mas ele me cativou. Era uma história de extraterrestres, chamava-se “Viajantes do Infinito”. Procurei-o para eventual releitura, talvez visse algo totalmente diferente hoje...

Freqüentei ambientes em que encontrei pessoas dos mais variados tipos possíveis. O abarrotamento da escola pública obrigava 50 pessoas ou mais pessoas a compartilharem as mesmas salas. Todos os

tipos de histórias em um mesmo local, como um mini universo; era taxado de cdf porque sempre gostei de estudar e sempre tive o incentivo dos professores. Mas não era o único, havia outros bons alunos comigo. Na transição para a escola particular, senti um grande medo. Percebi que alguns dos assuntos vistos pelos alunos da 5ª série daquela escola ainda não eram de meu conhecimento, e estava eu dois anos na frente deles... Pensei: “Vou ter que estudar, e muito”. Fiz isso e não me arrependo. É verdade que privei um pouco o lado social em prol dos estudos, mas depois percebi que não se é possível viver em sua própria concha. Nessa escola, em São Caetano do Sul, recebi muito apoio de todo o corpo docente, e logo no meu primeiro ano me tornei um dos melhores alunos e mantive essa meta até o final do terceiro colegial. Fiz grandes amigos, hoje espalhados por todo o Brasil, porque cada um está em uma faculdade, em diversos cantos do país.

Decidi pela Unifesp, mas sei que a universidade é pouco conhecida fora da área biológica. Com isso aconteceram alguns fatos curiosos. Fui convidado pela minha antiga escola para contar a experiência do primeiro ano de faculdade. Era uma palestra apresentando diversos cursos. Chamaram-me para falar da Biomedicina e da faculdade. Iniciei com: “Faço Biomedicina na Universidade Federal de São Paulo...” Lembro que na frente estavam uma mulher com a filha e uma delas respondeu assim: “Garoto metido. Para que falar o nome inteiro da universidade? Não dá para falar que faz medicina na USP?” Retruquei: “Faço Biomedicina, que apesar do nome, difere-se (e muito) do curso de Medicina e a Universidade Federal de São Paulo não é a USP!”

Conheci o curso por uma professora de Biologia do ensino médio. Ela era reitora da Fundação Santo André, e havia feito pós-graduação aqui, no Departamento de Microbiologia.

Primeiro prestei como treineiro e vi que era realmente, dentre os vestibulares que havia tido contato, o mais difícil, o mais complicado. No terceiro ano do colégio, sacrifiquei-me para o vestibular da Unifesp, e consegui. Faria Biologia, se não tivesse conseguido Biomedicina. Nos outros vestibulares que prestei, a Biologia era a primeira opção, pelo fato da não existência do curso de Biomedicina, com exceção da Unesp de Botucatu, mas lá há um outro enfoque, diferente daqui. Prestei e passei! Vim para cá defendendo a idéia, um sonho infantil, de que se entendesse o funcionamento completo do ser humano, conseguiria entender melhor a própria incógnita que é ser humano. (Talvez o sonho não estivesse lá tão enganado, apenas incompleto na sua existência.)

O nome oficial do curso que faço é “Ciências Biológicas – Modalidade Médica”. Ele surgiu aqui na Universidade Federal de São Paulo, em 1966. Sou da quadragésima turma. Até houve uma

comemoração ano passado, resgataram antigos professores, alguns alunos... Por muito tempo apenas a Escola Paulista e a UERJ, do Rio de Janeiro, mantiveram esse curso. Depois houve a explosão demográfica das escolas particulares, alterando a idéia inicial do Biomédico: a Escola Paulista de Medicina tinha cursos de Medicina e Enfermagem, mas faltavam professores para as cadeiras básicas, porque os médicos se especializavam e não as queriam... Consideravam isso como uma regressão. É uma ciência bonita, na qual se vê a integração de tudo, e do geral há a possibilidade de se partir para o específico. A idéia que surge à criação do curso é a tentativa de formar professores muito bem capacitados para lecionar para os futuros médicos e enfermeiros. Com as escolas particulares, há uma deturpação desse conceito, o biomédico acaba se voltando muito para as análises clínicas, não para a docência e pesquisa...

Como todo começo, meus primeiros dias aqui foram assustadores. A gente nunca sabe o que vai encontrar. Confesso que morria de medo do trote. Depois vi que o trote da Biomedicina é muito amigável e os veteranos são grandes camaradas. Vir para cá mudou completamente minha rotina. Antes, morava a duas quadras do colégio, ia andando. Agora moro muito longe. Gasto um tempo enorme no trânsito...

No primeiro ano também houve uma decepção com o curso, no início. Era uma carga de estudo muito pesada e pouco agradável. Eram conceitos básicos, essenciais para futuras disciplinas. E aliado a isso, também pairava uma certa má vontade passível de percepção, uma vez que alguns docentes eram obrigados a passar determinados conteúdos. Quando alguém é obrigado a fazer uma coisa, não vai ser tão prazeroso. E ainda há a lembrança do professor presente no ensino médio, sempre em cima, que se preocupa muito com o fato do aluno ir bem. Na universidade não se evidencia muito isso. O professor muitas vezes não sabe seu nome, não se preocupa se você estuda ou não. Ele dá a aula, que é uma exposição dos elementos principais do seu estudo. É uma mudança muito grande de métodos de aprendizagem... Isso assusta. Muito!... Mas a gente se acostuma!...

Temos uma diversidade muito grande entre os professores. Têm aqueles verdadeiramente apaixonados pelo que fazem! E outros que não demonstram tanto isso. Alguns se relacionam mais com os alunos, importam-se com os estudantes. Há uns com mais didática, outros com menos...

Entrei aqui com o intuito de ser cientista. Sei que muitos acreditam que o biomédico seja aquele cara que tentou passar em Medicina por dois, três anos, e não conseguiu. Triste engano. Há apenas

uma semelhança nominal; ao se analisar as carreiras, percebe-se que são áreas bem distintas. O curso é totalmente diferente, o campo de trabalho também.

Muitos já chegam sabendo que querem fazer pesquisa, mas quando os professores perguntam: “O que você acha que é fazer pesquisa?”, ninguém sabe ao certo a resposta. Para conviver com a pesquisa, com a mentalidade do pesquisador, é exigido um raciocínio muito grande, um grau de questionamento elevado. Como a professora Jeannine que defende a metodologia da caixa preta: há uma hipótese que nasce de você. É algo intrigante para que se possa pensar no experimento e na viabilidade dele, se vai atingir ou não a necessidade da proposta. Tudo isso em pensamento. Depois passamos para o experimento prático. Mas antes, há de se imaginar quais resultados são esperados. Realizado, por fim, o experimento, a hipótese é confrontada com o resultado obtido. Verifica-se, assim, a validade ou a nulidade da sua teoria. Quando o resultado obtido puder ser considerado um erro, o pesquisador deverá ter calma e apresentar a mente aberta, confrontar, interpretar a situação.

Algumas vezes o erro é algo novo, que não se conseguia enxergar à primeira vista. Tem um pensamento que diz que a verdade tem múltiplas faces, encaramos a que melhor nos agrada, mas outras tantas podem representá-la também...

Um exemplo é a fase de expansão pela qual a Universidade está passando. É algo muito rico e necessário. Agora a Universidade Federal de São Paulo se torna realmente uma universidade no âmbito do conhecimento! Como se pode chamar de universidade apenas uma faculdade com cinco cursos na área da saúde? Com a expansão, observa-se, enfim, o início da construção de um relacionamento com todas as grandes áreas do saber. Perde-se muito pela questão do espaço físico e isolamento dos *campi*; porém seria impossível inserir outra cidade universitária na caótica Paulicéia Desvairada.

Defendo essa multiplicidade, esse caráter heterogêneo das disciplinas que vêm sendo oferecidas agora, como Filosofia da Ciência, Bioética, e também as matérias eletivas que começam a ser dadas. Isso só enriquece a mentalidade do cientista e faz com que ele enxergue o mundo de outras maneiras. Acho muito importante esse lado de humanização da ciência que a Bioética traz hoje, em que a Filosofia tem papel principal. Infelizmente, são poucas as pessoas que valorizam esse pensamento.

Temos sorte de ter aqui alguns dos grandes titãs, os formados nas primeiras turmas, ainda na ativa. Carregam, no mínimo, trinta anos de docência biomédica. São possuidores de uma fantástica didática. Marcam, sem dúvida, a nossa passagem pela graduação, como Jeannine Aboulafia e Viviane Nouailhetas da Biofísica; Yara Michelacci e Helena Nader, da Bioquímica e Biologia Molecular; Marília Smith e Sandra Miraglia, da Morfologia, a exemplo.

Hoje já posso considerar a Unifesp como minha segunda casa, inclusive, porque é onde passo a maior parte do tempo. Sinto que há um carinho muito grande com os estudantes por parte dos mais antigos, hoje grandes orientadores. O que me cativa aqui é a possibilidade de livre trânsito a fim de conhecer os mais diversos laboratórios e suas linhas de pesquisa.

Mas, a gente percebe, às vezes, um certo protecionismo com a Medicina, como é o caso do Pró-aluno. O médico tem, desde o primeiro ano, um período livre. O Biomédico, não; a primeira janela que tive foi nesse semestre. Até então, o estágio ocorria em horário de almoço ou qualquer outro tempo livre. Existe uma pressão muito grande na carga horária do biomédico. Não acho que deveria diminuir, pelo contrário, creio que deveria ser mais bem dividida. Talvez estender o curso para cinco anos.

Mas a burocracia barra isso porque pela legislação, Ciências Biológicas Modalidade Médica, Ciências Biomédicas, ou Biomedicina, querem dizer a mesma coisa. Hoje o MEC exige um espaço para Análises Clínicas, que aqui foi introduzido há três anos. Este estágio, além de diminuir a carga horária de outras matérias, fez com que o curso fosse compactado e algumas disciplinas se diluíssem. Acredito que saímos perdendo. Algumas matérias deixaram de existir, a exemplo de Anatomia Comparada.

Evidencia-se uma rotina corrida na Unifesp. As aulas compreendem o intervalo inserido entre as oito e as dezoito horas, com duas nesse meio tempo, destinadas ao almoço, na teoria. Combine ao seu meio-dia também o tempo para a realização de estágio de iniciação científica...

Participo do Projeto CUJA, que funciona todas as noites, aqui mesmo na Unifesp, no prédio dos Anfiteatros. Sou professor de Português, responsável pela frente de Redação. Participo, sempre que possível, das reuniões quinzenais da Equipe de Coordenação Pedagógica. Tenho ciência da importância de estar à frente de uma disciplina que, na maioria dos vestibulares, representa metade da nota de português. Além das aulas noturnas, também dou aula aos sábados à tarde. E isso não é

nenhum sacrifício, é uma atividade muito prazerosa. O cursinho é voltado para pessoas de baixa renda. Temos tanto alunos de 17 anos, que ainda cursam o terceiro ano de colégio, quanto pessoas de 40 ou 50 anos, que pretendem prestar um concurso público, ou mesmo entrar numa faculdade. É um grupo bem heterogêneo. E a gente vê nesse convívio, principalmente ao corrigir redações, vivências completamente diferentes, uma riqueza incontável.